

Entrevista de Luiz Carlos Prestes ao Roda Viva, 1986

Antonio Cícero Cassiano Sousa

Doutor em história e professor e pesquisador no CEPPE (Centro de Educação Popular e Pesquisas Econômicas e Sociais), ISERJ (Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro) e ETEAB (Escola Técnica Estadual Adolpho Bloch), Rio de Janeiro, Brasil. antoniocicerocs@gmail.com

Emissora: TV Cultura

Duração: 1 hora e 56 minutos

Apresentador: Rodolfo Gamberini

Entrevistadores: Luiz Gonzalez (*TV Globo*), Wladir Nader (jornalista e escritor), Armando Sartori (Retrato do Brasil), Maria Angélica de Oliveira (*TV Cultura*), Marcos Faermann (*Rádio Cultura*), Luiz Fernando Emediato (*O Estado de São Paulo*), Armando Figueiredo (*TV Cultura*), Claudio Abramo (*Folha de São Paulo*), Mario Chamie (poeta), Marco Aurélio Garcia (historiador), Otavio Ianni (sociólogo) e Plínio Correia de Oliveira (líder da direita católica).

Cópia usada para a resenha: vídeo disponível no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=aKkCysZb0V0>

A entrevista, realizada em 1º de janeiro de 1986, permitiu que Luiz Carlos Prestes apresentasse com bastante clareza seus principais pontos de vista e avaliações sobre temas da conjuntura da época até a crise do capitalismo e a crise dos comunistas.

Os elementos circunstanciais, como eleições estaduais em São Paulo e Rio de Janeiro, em 1986, são analisados no contexto mais amplo, chegando o entrevistado a dizer que, no caso do Rio de Janeiro, tratava-se de decidir em ser contra ou favor do governo Sarney – uma eleição, portanto, de caráter nacional. Neste aspecto, afirma que o acontecimento nacional mais importante dos últimos anos foi a campanha das diretas por ter feito o povo voltar a confiar na sua capacidade de mobilização. O medo da burguesia com tal fato logo a faz recorrer à tradicional conciliação, traindo os milhões que enchiam às ruas e participando do colégio eleitoral, que ontem era espúrio.

Direto e franco em seus raciocínios, o entrevistado desfaz mitos como Nova República, artifícios como “santificação” de Tancredo Neves e a “demonização de Maluf”. A traição ao movimento das diretas leva a que veja com muitas limitações medidas democratizantes como a transformação do Congresso eleito em 1986 em Constituinte, pois toda a legislação fascista continuava em vigor e nenhum assassino ou torturador tinha sido punido. Usando a imagem do salto mortal que dado por José Sarney, passara

de presidente do PDS (partido de sustentação da ditadura) para presidente de honra do PMDB (partido de oposição até 1982), expressa sua certeza que aquele governo estava fadado a se tornar cada vez mais impopular à medida que descarregaria todas as consequências da crise nas costas do povo.

Prestes analisa o papel das Forças Armadas na história do Brasil desde antes da proclamação da República em 1989 e admite que, entre nós, os militares não são um instrumento do Estado, como costuma ser em qualquer democracia burguesa, mas estão acima do Estado, ditam o que os poderes estatais devem fazer, a ponto de afirmar que “são os militares que governam”.

As críticas ao processo de redemocratização com a tutela das Forças Armadas estão acompanhadas de profunda confiança na capacidade do povo. Destaca que os operários começam a tomar consciência e assumem posições avançadas. Diversas vezes menciona a fala do “operário de talento, Lula”, que dissera em 1981 que “não basta a luta por salários, mas é necessário mudar o regime”.

Entre os erros graves cometidos pelos comunistas no Brasil, cita o não reconhecimento de que desde o final do século XIX o país era capitalista. Tal erro levou ao abandono de qualquer definição estratégica que pudesse assim ser qualificada. Os saltos dados em pouco mais de um século, tomando, como ponto de partida, a independência política em 1822 e, como coroamento, a consolidação do capitalismo em finais do século XIX e início do século XX, não foram percebidos pelos comunistas.

O entrevistado afirma que a crise geral do capitalismo atravessa o século XX e que no Brasil isto explica os intervalos cada vez mais curtos da vigência das constituições e a fragilidade da democracia; se faz necessária uma democracia para as massas, pois não há democracia se a polícia invade a casa de trabalhadores sem mandado judicial. Da mesma forma o direito de greve tem sido historicamente restringindo e as propostas que se apresentavam para a nova Constituição o estavam fazendo mais uma vez.

A crise dos comunistas brasileiros é vista sem subterfúgios: para se ter um partido revolucionário sua tese é que se deve partir de um núcleo marxista; o núcleo inicial de um partido revolucionário deve ser ter quadros com formação de marxismo e firmeza de convicção e princípios; obviamente o partido precisa ir às massas para se renovar e cumprir seus objetivos; enfatiza que é preciso conhecer o mínimo do marxismo e ser firme na direção. A degenerescência é tão grande no PCB “que nem criticam os documentos que apresento”; e arremata afirmando que PCB, PC do B e MR-8 não têm mais nada de comunistas. Reconhece que construir um partido revolucionário não é uma tarefa fácil, pois o marxismo nunca foi estudado no Brasil; não há uma corrente intelectual que tenha estudado o marxismo, como na Rússia do final do século XIX, que levou o país a se destacar na Física, Matemática, Literatura, citando Tolstói e Dostoiévski como exemplos. Prestes afirma que sua tese para a construção do partido revolucionário parte da formação de um núcleo conhecedor da ciência marxista; e que houve avanços nesse sentido porque hoje já há intelectuais e trabalhadores que estão estudando o marxismo.

O levante de 1935 é colocado na sua verdadeira dimensão de ação antifascista e fruto das condições vividas pelos revolucionários brasileiros, que foram os responsáveis

pela sua condução, assim Prestes desfaz o mito de conspiração comunista internacional. Vários comentários esclarecedores sobre os problemas internacionais aparecem em diversos momentos.

Ao vislumbrar o capitalismo como modo de produção que conquistou o planeta, Prestes focaliza o caráter de sua crise ao afirmar que ele é incompatível com a revolução científico-técnica que se desenvolve, cita os dados de desemprego mundial crescente e que o capitalismo não tem mais o que oferecer senão crise.

Em certo ponto da entrevista, Prestes afirma que a política hoje deve ser vista como uma ciência, portanto tem que ser estudada e exercê-la de forma empírica tem consequências graves. Menciona que a teoria deve ser confrontada com a realidade na qual se atua, o que demanda conhecer tal realidade porque não se terá resultado de aplicação teórica em realidade que se desconhece. Podemos dizer que é assim que o entrevistado conduz as respostas, procurando fazê-las seguindo esta concepção e o compromisso prático com a revolução que acompanhou toda sua trajetória.

Se o livro *Olga* tem muito de emocional e correto como reportagem sobre a trajetória da revolucionária, nas palavras de Prestes, sua entrevista mostra a clareza de quem estudou e praticou a ciência marxista em nosso país e se apresentava, depois de mais de 60 anos de luta, com a convicção daqueles que lutam a vida inteira por uma causa justa – o socialismo. As ideias e a trajetória de Luiz Carlos Prestes precisam ser conhecidas e estudadas; apesar do silêncio que imperou por 60 anos, na década de oitenta começaram a surgir pesquisas sobre a Coluna Prestes, foi lançada a biografia de Olga, de Fernando Morais, e realizada esta entrevista em 1986 e outras.